

José Martins dos Santos Conde

JOSÉ MARIA GRANDE
FIGURA NACIONAL DO LIBERALISMO



Edições Colibri

ÍNDICE

Apresentação	7
Biografias de José Maria Grande	11
Nascimento e primeiras letras	13
Dez anos de vida académica	15
Tirocínio médico no Alentejo.....	19
No turbilhão da Guerra Civil.....	21
Experiências na administração	29
Novo exílio e doutoramento	31
Deputado às cortes pelo círculo de Portalegre	35
Professor na Escola Politécnica.....	37
Director do Jardim Botânico da Ajuda.....	39
Actividade parlamentar até 1842.....	41
Na bancada da oposição	45
Contra a ditadura cabralista.....	49
O Guia e Manual do Cultivador	55
Missão em França.....	59
A criação do ensino agrícola em Portugal.....	63
Proto-história do ensino agrícola em Portugal	71
Fundação do Instituto Agrícola de Lisboa.....	75
O fim.....	85
Antologia	89
1. textos sobre a agricultura e o ensino agrícola.....	91
2. textos sobre vários assuntos.....	115
Conclusão	143
Fontes e textos de consulta.....	145

APRESENTAÇÃO

Ao falar da economia portuguesa de fins do séc. XVIII e princípios do XIX, é útil não confundir o plano das realizações práticas com o da difusão das teorias e das ideias. É justo, por exemplo, afirmar que a Fisiocracia e a Economia Clássica de A. Smith tiveram escassa repercussão prática no nosso país, até meados do séc. XIX. O mesmo se não pode já afirmar no plano da difusão das ideias.

Embora tardiamente, como vem sendo hábito devido à nossa marginalização geográfica e isolamento cultural, as ideias fisiocráticas e também as de A. Smith infiltraram-se claramente em Portugal, entre o último quartel do séc. XVIII e o primeiro do XIX.

É hábito citarem-se alguns autores de Memórias Económicas e o professor coimbrão, José Joaquim Rodrigues de Brito, como mais ou menos bons discípulos de Quesnay ou de Smith; mas esquecem-se todos aqueles que, em período de formação académica nas últimas décadas do séc. XVIII e primeiras do XIX, beberam as suas ideias em estudos e leituras, e virão a ser os reformadores da economia nacional, desde a ditadura do imperador até aos governos de Costa Cabral e sobretudo da Regeneração. É óbvio que todos eles, embora resistindo a qualquer classificação simplista, se enquadram, cada um à sua maneira e em grau diverso, nas hostes fisiocráticas e smithianas.

É o caso típico de José Maria Grande. As leituras que eventualmente terá feito no período da sua formação académica, entre 1814 e 1823, mas sobretudo os contactos realizados depois do seu segundo exílio, em 1837, e o interesse que a partir de então dedicou à Economia Política, mormente aos estudos agrícolas, inclinaram-no para alguns ideais da Fisiocracia. Não que ele defendesse a agricultura como única base da riqueza, pelo facto de só a actividade agrícola ser capaz de criar um produto líquido, isto é, uma diferença entre as despesas da produção e o seu valor final; não que, por esse motivo, ele advogasse um apoio quase exclusivo do poder à actividade agrícola e que esta se tornasse a única fonte das receitas tributárias, como pretendiam os fisiocratas puros da segunda metade do séc. XVIII. O

valor do trabalho como fonte da riqueza nacional; o automatismo do mercado como raiz do equilíbrio entre a oferta e a procura; o interesse pessoal como orientador da economia e outras ideias económicas correntes no séc. XIX, smithianas ou não, eram perfeitamente conhecidas por ele.

Quando frequentemente defende a agricultura como a actividade económica mais importante e a mais merecedora dos apoios do estado, ele, que sempre foi um homem voltado para o pragmatismo, está a considerar a situação concreta de Portugal. Além de estar convencido que as condições geográficas do país eram excelentes para a prática agrícola, não ignora que a esmagadora maioria da população vive da agricultura, e que esta é, e vai continuar a ser por muitos anos, a mola real da economia portuguesa.

Estas convicções pessoais aliadas à circunstância de se ter transformado no proprietário da cadeira de Botânica e Princípios de Agricultura na Escola Politécnica, e ainda ao facto de ser dono de uma mediana exploração agrícola no Alentejo, levaram-no a colocar no centro de toda a sua actividade a luta pela melhoria da agricultura nacional, abandonando o exercício da clínica, e colocando o grosso da sua intervenção política e científica ao serviço do sector agrícola.

Na verdade, com o correr dos anos, forjou-se a lenda de ele pertencer à plêiade dos médicos notáveis do país. Notável foi, com certeza, mas não como médico. Talvez o facto de terem sido médicos e revistas médicas os que mais se lembraram dele tenha contribuído para a formação dessa lenda.

De facto, as relações de José Maria Grande com a arte de Hipócrates reduzem-se ao seu bacharelato em Medicina na velha universidade coimbrã, a quatro anos de exercício clínico após a saída da mesma, e a um doutoramento apressado, com a apresentação de uma tese frouxa na Universidade de Lovaina.

As grandes paixões de José Maria Grande foram a política e a agricultura, dedicando-lhes por inteiro a sua vida. Sem dúvida alguma, foi um parlamentar exímio e, sobretudo, o verdadeiro fundador do ensino agrícola em Portugal.

É esta a tese mestra defendida neste livro.

Apesar de se fornecer aqui a biografia de José Maria Grande, de um modo bastante desenvolvido, não foi esse o escopo principal do autor. A biografia é apenas a moldura; o quadro é a fundação do ensino agrícola. Embora vários artistas tenham contribuído com algumas

pinceladas mais ou menos visíveis, o trabalho de fundo e os retoques mais evidentes foram de José Maria Grande. Ao elaborar a sua biografia, para enquadrar a criação do ensino agrícola, tocou-se um pouco em toda a actividade por ele desenvolvida, no ensino ou no parlamento.

Em 1842, por exemplo, apresentou na Câmara dos Deputados um projecto de lei sobre a reforma do sistema penitenciário. É evidente que o sistema penitenciário português e a sua evolução ao longo dos séculos seria um tema aliciante para escrever um livro; mas não era esse o objectivo do autor. Refere-se o facto e cita-se o discurso, por estarem ligados à vida de José Maria Grande, mas não se aprofunda esse tema. Seria ridículo e despropositado fazer o contrário, pois apenas serviria de confusão para o leitor. Uma tese deve possuir unidade e, embora possa tocar ao de leve em muitos assuntos, nunca poderá desviar-se do seu próprio rumo.

Após a leitura dos mais significativos escritos de José Maria Grande, não restam dúvidas de que a sua formação na área das doutrinas económicas se enquadra na dupla corrente da escola fisiocrática e da escola clássica.

A necessidade de aprofundar os conhecimentos agrícolas através de um ensino especializado, como meio de valorizar a agricultura – uma ideia implicitamente fisiocrática – defendia-se em toda a Europa de então, e fora posta em prática na maioria dos países europeus. A instabilidade política portuguesa ao longo da primeira metade do séc. XIX, aliada ao secular atraso do país, não permitira ainda uma definição clara de objectivos e, menos, de propostas concretas para actualizar a agricultura nacional.

Vários tentames para criar o ensino agrícola tinham sido infrutíferos. Mas, findas as lutas intestinas entre as facções políticas rivais, chegara a hora de actuar, neste e noutros campos.

É de toda a justiça lembrar, hoje, a figura de José Maria Grande. Tendo vivido numa época particularmente agitada da vida do país, não há dúvida que ele deu um contributo muito notável para o triunfo das ideias liberais e para a afirmação da economia portuguesa no contexto europeu.

Ele foi uma figura nacional por quanto fez, escreveu e disse em prol do seu país.

Não é justo sepultar no túmulo do esquecimento a sua forte personalidade, acção, saber e patriotismo.

Quero chamar a atenção para o facto de, neste trabalho, aparecerem muitas citações extraídas de livros, opúsculos, revistas e jornais da época.

Os títulos dessas publicações vão em maiúsculas e na ortografia original. As citações, que delas extraí, estão em negrilla e com a ortografia actual. A opção poderá não ser muito académica, mas tem em conta a facilidade da leitura. A apetência pelos livros está, infelizmente, em decadência; se não fugirmos um pouco aos preciosismos da erudição, o exercício e o prazer, tão salutareos, da leitura vão ficar confinados a grupos esotéricos de leitores impenitentes.